

## **O ESPAÇO DA LINGUAGEM MUSICAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL SEGUNDO A ABORDAGEM DE REGGIO EMILIA**

Luísa Andries Nogueira de Freitas (ANDRIES, Luísa Nogueira de Freitas) – UNIRIO  
Agência Financiadora: CAPES

### **Resumo**

Este artigo se insere na temática da presença da linguagem musical na Educação Infantil. O objetivo principal foi o de investigar as práticas musicais nas creches e escolas para a infância na cidade de Reggio Emilia, buscando verificar sobre quais princípios se instituem. Os principais autores utilizados foram Ceppi e Zini, além de publicações das próprias creches e escolas para a infância. Foi realizado um levantamento bibliográfico acerca da citada abordagem, além de uma pesquisa de campo através de um grupo de estudos, realizado naquela cidade, que incluiu visitas às unidades escolares da região e debates com seus profissionais. Ao final, percebeu-se que não existe uma metodologia única de trabalho com a linguagem musical em Reggio Emilia, mas algumas tendências que seguem a filosofia geral da abordagem, como, por exemplo, a valorização da escuta, da experimentação, da pesquisa e da formulação de hipóteses. Acima de tudo, foi possível perceber que os projetos desenvolvidos dentro da linguagem da música, assim como nas outras linguagens, nascem do interesse das crianças.

**Palavras-chave:** Música, Educação Infantil, Abordagem de Reggio Emilia.

## **O ESPAÇO DA LINGUAGEM MUSICAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL SEGUNDO A ABORDAGEM DE REGGIO EMILIA**

A abordagem de Reggio Emilia, cidade italiana que se tornou célebre por sua proposta de educação da infância, se caracteriza principalmente pelo foco nas crianças e em suas múltiplas formas de criar e se expressar, pela valorização do trabalho em equipe e diálogo entre todos os envolvidos na formação das crianças – desde o cozinheiro até as famílias –, pela exploração e pesquisa, tanto por parte dos educadores quanto dos alunos, e pela organização de espaços e vivências que possibilitem o maior número possível de experiências (REGGIO CHILDREN, 2012).

Edwards, Gandini e Forman (1999) citam como característica dessa o aprendizado por meio das “cem linguagens”: a valorização das diversas linguagens expressivas, a partir da compreensão de uma educação não linear, que não sequencia

uma atividade atrás da outra aceleradamente, mas que repete experiências fundamentais, buscando novas observações e considerações.

Tendo essas concepções em vista, decidi investigar se esses mesmos princípios embasariam práticas musicais das crianças, como se configurariam as experiências no campo da música e que tipos de vivências envolvendo a linguagem musical apareceriam nos contextos das instituições de Reggio Emilia.

### **A música em Reggio Emilia: o que mostram as publicações e o que vi**

Atualmente, são escassos os materiais em português que tratam diretamente da música em Reggio Emilia; há uma oferta significativamente maior no que diz respeito às práticas das artes visuais. Por esse motivo, durante o processo de pesquisa, fui à referida cidade italiana realizar o chamado Grupo de Estudos para América Latina em Reggio Emilia. Trata-se de um evento científico organizado pela *RedSolare*<sup>1</sup> e pela *Reggio Children*<sup>2</sup> onde educadores, atelieristas e pesquisadores latino-americanos interessados na abordagem italiana vão até Reggio Emilia e participam de palestras, debates e visitas às escolas, ateliês e exposições.

Mesmo durante o Grupo de Estudos citado, a questão da música foi pouco abordada diretamente e, quase sempre, sem aprofundamento sobre a metodologia. Sendo assim, a análise do espaço da música nas creches e escolas para a infância em Reggio Emilia que será feita a seguir será baseada em experiências que envolvem a linguagem musical descritas em trechos de livros e vídeos, além do que foi observado nas palestras e visitas às escolas durante o Grupo de Estudos.

A dificuldade em encontrar materiais que explicitem como é o trabalho envolvendo a linguagem musical em Reggio Emilia pode ser explicada pela tentativa dos educadores em não criarem um “modelo” a ser seguido por todos os professores daquela e também de outras cidades e países; pela busca por equivalência entre as diferentes linguagens, sem valorizar uma em detrimento de outra; ou até pela escassez de trabalhos e projetos voltados diretamente para a linguagem musical. No entanto,

---

<sup>1</sup> Associação de instituições e pessoas, sem fins lucrativos, que busca a articulação e difusão das ideias da prática educativa de Reggio Emilia, através de intercâmbios entre estados brasileiros e países da América Latina. Para saber mais: <http://www.redsolarebrasil.com.br/>

<sup>2</sup> Instituição público-privada fundada em 1994 com iniciativa de Loris Malaguzzi e que busca disseminar as experiências e pesquisas de Reggio Emilia para educadores e pesquisadores de todo o mundo. Para saber mais: [www.reggiochildren.it](http://www.reggiochildren.it)

mesmo com essas limitações, pude perceber relações entre os princípios que norteiam a abordagem de Reggio Emilia como um todo e as experiências com música que serão citadas abaixo.

*I Giardini Sono...* (NIDO COMUNALE DELL'INFANZIA LUIGI BELLELLI, 2013) é um pequeno livro publicado pela creche Luigi Bellelli em que é descrito um projeto realizado por crianças de 8 meses a 2 anos. Nele, as crianças são convidadas a explorarem e investigarem um parque público da cidade. Em uma parte da publicação, é tratada a questão dos “materiais sonoros”. O autor aponta que, durante as explorações, as crianças frequentemente paravam para investigar a qualidade sonora de elementos encontrados e que, a partir dessa pesquisa, criaram uma espécie de *mapa sonoro* do parque.

Árvores, folhas, pedras, mas também lixeiras, postes de metal, cercas do parque... Todos revelaram suas possibilidades sonoras. Com clara intenção, as crianças estudaram as associações entre esses elementos, provando e experimentando junto com as ideias de variação, ritmo, tempo, pausa. (NIDO COMUNALE DELL'INFANZIA LUIGI BELLELLI, 2013, p. 28, tradução nossa)

Ainda em *I Giardini Sono...*, os educadores citam o caso de uma criança de 1 ano e 9 meses de idade que criou um instrumento musical ao prender quatro pedaços de madeira no solo do parque e *tocando-os* com a ajuda de um quinto pedaço de madeira. A partir dessa experiência, os educadores buscaram dar seguimento ao projeto dentro da creche, construindo instrumentos sonoros com as crianças a partir de materiais do ateliê da escola. Outra tentativa de levar a experiência sonora do parque para a escola relatada no livro foi realizada com crianças de 14 a 18 meses, utilizando diversos materiais naturais (pedra, galhos, folhas), através dos quais eles realizaram pesquisas e composições sonoras.

No DVD *Utopie Quotidiane* (REGGIO CHILDREN, 2011), são apresentadas jornadas em escolas. Em uma delas, referente à creche Panda, uma professora recebe suas crianças (17 a 23 meses) ao som de um violão. A professora toca músicas e também deixa que as crianças escolham o repertório. Mais tarde, a professora coloca o instrumento no solo e permite que duas crianças explorem o som das cordas, utilizando os dedos e uma palheta.

Uma situação semelhante ocorreu na pequena *piazza* – ambiente semelhante a um pátio interno, típico e característico ao espaço das creches e escolas para a infância de Reggio. Lá, uma professora tocava violino para os bebês. Primeiramente, uma

criança bem pequena recebeu o arco da professora e explorou o som do violino. Depois, duas crianças, com o instrumento apoiado no colo de ambos, buscaram fazer soar o violino, utilizando os dedos. A professora os ajudou, dando o exemplo.

Em 2011, A Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP) produziu uma reportagem intitulada *As Escolas de Educação Infantil de Reggio Emilia, Itália*. No vídeo, os pesquisadores vão até uma escola para a infância localizada no Centro Internacional Loris Malaguzzi realizar suas filmagens. Apesar do vídeo não se aprofundar na questão da música, existem três momentos em que ele apresenta atividades ligadas à linguagem musical. Na primeira, um homem – que pode ser um professor, um pai, ou um funcionário da escola – toca violão, dedilhando uma música que se assemelhava a um improviso de *jazz* ou *blues*. Ao redor dele, seis crianças (entre 4 e 6 anos), deitadas de barriga para baixo, ouvem sua música.

Em outro momento, uma criança pequena (com aparência de, no máximo, 3 anos de idade) anda por uma sala, explorando os sons de materiais orgânicos. A sala está repleta de tocos de árvores, pedras e gravetos, e a criança andava pelos materiais com um pedaço de madeira na mão, batendo nos tocos e, claramente, comparando os sons de cada elemento.

A última atividade ligada à música mostrada no vídeo trata-se de uma turma onde as crianças estão sentadas em cadeiras, formando uma única roda e cantam uma música utilizando, além da voz, percussão corporal (palmas, batidas nos braços e coxas, mão na boca etc.).

Durante o Grupo de Estudos, em uma palestra sobre Educação Inclusiva, também foi apresentado um vídeo feito pelas próprias professoras. O foco do vídeo era evidenciar o trabalho de inclusão realizado em uma turma que continha uma criança com transtorno do espectro autista, no entanto, pude perceber três atividades envolvendo música. Na primeira, a turma inteira sentada em roda cantava enquanto a criança em foco tocava violão – apesar de não apresentar a técnica exigida pelo instrumento, ela explorava o som e reproduzia os movimentos típicos de instrumentistas. Em um segundo momento, a mesma criança ligava, por conta própria, um aparelho de som que estava localizado na sala e batia palmas ao decorrer da música. Por último, foi apresentada uma atividade onde três crianças, dotadas cada uma de uma baqueta, tocavam um tambor, explorando diferentes sons e ritmos.

O livro *La musica è un suono ben fatto: Dall'ascolto alla composizione* (NIDO COMUNALE DELL'INFANZIA LUIGI BELLELLI; NIDO COMUNALE

DELL'INFANZIA PABLO NERUDA, 2008) – podendo ser traduzido para *A música é um som bem feito: da escuta à composição* – é produto de um projeto realizado pela creche Luigi Bellelli e pela escola para infância Pablo Neruda com crianças de 2 a 6 anos. Foi realizada uma parceria com o teatro da cidade e com um concurso de quarteto de cordas chamado “Premio Paolo Borciani”. A partir de tal projeto, as crianças tiveram contato com música clássica, podendo ouvir e assistir apresentações ao vivo.

O projeto também envolveu composição musical. O livro *La musica è un suono ben fatto* vem com um CD cujas faixas foram realizadas pelas próprias crianças. Foram gravadas dez composições, criadas por crianças de 2 a 6 anos, utilizando os mais variados instrumentos e fontes sonoras. Para a composição das faixas, foram usadas gravações feitas pelas crianças de elementos como o som da chuva, do fechar e abrir de portas, de passos (fortes, baixos, devagar, com pressa, descendo e subindo escadas), de risadas e conversas, de materiais e objetos, como colheres, gavetas, papéis e relógios, além do som de instrumentos musicais convencionais, como piano, flauta e xilofone. As crianças menores (de 2 e 3 anos) também compuseram uma música sobre o som das palmas em um ambiente com eco.

Além de registrarem as composições em si, os educadores também documentaram as falas das crianças durante o processo: explicações sobre as suas obras, sobre como foram compostas, sobre o que entendem do ato de compor musicalmente, entre outras coisas.

A música precisa ter mudanças... em uma composição os sons não devem ser todos suaves ou todos fortes, deve haver sons fortes, moderados e suaves [...] Nós começamos e terminamos da mesma forma? ...então nós deveríamos fazer um fim diferente, porque se o começo é igual ao fim, então nós não vamos entender quando termina... (NIDO COMUNALE DELL'INFANZIA LUIGI BELLELLI; NIDO COMUNALE DELL'INFANZIA PABLO NERUDA, 2008, tradução nossa)

Semelhante ao projeto citado anteriormente, foi observado, na escola para infância La Villetta, durante o Grupo de Estudos para América Latina em Reggio Emilia, outro projeto envolvendo pesquisa sonora e composição musical. Não tive contato com as crianças desta escola, no entanto, explorando o espaço físico, encontrei uma parte do ateliê que estava destinada à pesquisa sonora, à exploração de materiais, timbres e intensidades.

O espaço era pequeno, mas aconchegante. No solo, havia tapete e almofadas, um teclado, um violão e uma bacia com água, possivelmente para visualizar a vibração das

ondas sonoras. O espaço também continha estantes – todas na altura das crianças – com flautas e diversos instrumentos de percussão feitos de diferentes materiais, como tambores, tamborins, reco-reco, caxixi, chocalho, dentre outros. Uma estante comprida – mas também na altura das crianças – apoiava aparelhos de som e de gravação, fones de ouvido e diversos CDs. O teto do espaço era rebaixado e apresentava objetos sonoros pendurados com altura suficiente para permitir que crianças pequenas o manuseassem. Um dos objetos era um conjunto de sinos tubulares e o outro – que parecia ter sido criado pela atelierista em parceria com as crianças – se tratava de uma estrutura que ia do chão ao teto, formada por cordas tensionadas e pedaços de madeiras, além de fontes sonoras como sinos tubulares e “pratinhos de alumínio” – parecidos com os contidos em pandeiros.

Próximo a esse espaço destinado à linguagem musical, havia um cartaz com o título *La Voce dei Materiali* (“A Voz dos Materiais”). Além de inúmeras fotos das crianças explorando os sons, as professoras colaram no cartaz o encarte de um DVD e de um CD que foram gravados a partir do projeto. Tratava-se de documentações em imagens e áudios das explorações de materiais sonoros, realizadas pelas crianças. As fotos do cartaz também apresentavam crianças explorando materiais como o plástico, o metal, os diferentes tipos de madeira e materiais naturais.

O interesse e paixão pela linguagem musical sempre envolveram o homem, levando-o a confiar à música uma importante função comunicativa. A música é, de fato, uma expressão artística através da qual o homem conta e expressa sentimentos, estados de ânimo e experiências com base não na linguagem sonora, mas na dimensão sonora. Essa possibilidade comunicativa se expressa através de uma pesquisa e experimentação de diferentes sonoridades e ritmos. [...] As crianças expressam em seu cotidiano um forte interesse pela linguagem musical e pela pesquisa sonora feita através de alguns materiais presentes nas seções. (Cartaz na Scuola dell’infanzia La Villetta em maio de 2014, tradução nossa)

O livro *Lo stupore del conoscere – I cento linguaggi dei bambini* (REGGIO CHILDREN, 2011) é um catálogo da exposição itinerante cujo objetivo é o de recontar, ao redor do mundo, experiências vividas nos centros de infância de Reggio Emilia. No catálogo são apresentados alguns dos projetos exibidos na exposição e também são aprofundadas questões e reflexões sobre os mesmos. A obra em questão contém dois projetos voltados para a linguagem musical – “A voz da escada” e “Sistemas de som – a voz dos materiais”.

Em “A voz da Escada” – *La Voce della Scala* – é apresentado um projeto que nasceu da vivência de um grupo de crianças que, ao visitarem o Centro Internacional Loris Malaguzzi, experimentaram inúmeras possibilidades sonoras de uma escada metálica. A partir de tal experiência, as crianças de três a cinco anos da escola *8 Marzo* desenvolveram um projeto que incluiu a experimentação de novas possibilidades sonoras da escada e pesquisas de formas para representar os sons graficamente.

A escada se converteu em um instrumento musical e as crianças usaram recursos como a intensidade do pisar, a velocidade, a variação rítmica, as pausas e as combinações de sapatos diferentes, como sapatos de salto, pantufas e sapatos de sapateado, para variarem os sons produzidos pela escada. As crianças também buscaram representar graficamente tais experiências, além de compor sequências sonoras a partir da representação de uma escada criada pelas crianças. O molde da escada se tornou uma espécie de quadro onde cada criança preenchia seus degraus com diferentes “sons de escada”, colocados na ordem que lhe parecesse adequada. As crianças também utilizaram as representações gráficas dos sons para criarem um “presente para a escada”.

O segundo projeto do catálogo tratava-se da criação de “sistemas de sons” a partir da exploração sonora de diferentes materiais. Tudo começou quando uma criança apelidou um tipo de grama de “corda-grama”, pois a mesma se enrolava nas pernas enquanto andavam. Ao explorarem e pesquisarem gramas e cordas, as crianças da turma perceberam que a segunda revelava grande potencial sonoro. Então, com a ajuda de um atelierista com formação em música, as crianças criaram estruturas com possibilidades sonoras ou *sistemas de sons*. Anos depois, uma dessas estruturas foi dada a uma nova turma da escola que ficaram fascinadas com ela e, a partir disso, projetaram e criaram novas estruturas.

A partir de tais experiências, as crianças de ambas as turmas puderam pesquisar as possibilidades sonoras das cordas e as variações sonoras de acordo com o tipo de corda, com a tensão e com o uso de dedos, arcos, bastões de madeira ou “martelos” (objetos usados para fazer as cordas vibrarem e, conseqüentemente, produzirem sons).

*Dialoghi con i luoghi* (REGGIO CHILDREN, 2008) é um “caderno de trabalho”, no qual foram registradas as experiências e os projetos realizados pelas crianças ao visitarem o Centro Internacional Loris Malaguzzi, quando este ainda não estava pronto. O espaço estava praticamente vazio, mas possibilitou inúmeras vivências por parte das crianças. Uma delas foi a experiência sonora com a escada metálica que se

converteu em um projeto na escola 8 Marzo, citado anteriormente. Outra experiência envolvendo a linguagem musical foi a da creche Bellelli, relacionada com a *paisagem sonora*<sup>3</sup>. As crianças exploraram bastante a arquitetura e a estrutura do espaço do Centro Internacional e os professores perceberam como a questão do som, do ritmo, das composições sonoras estava sempre presente nas experiências e pesquisas das crianças. Sendo assim, os professores, frequentemente, gravavam as produções sonoras das crianças e as reproduziam na frente da turma mais tarde. As crianças e professores da creche Bellelli também decidiram, a partir das escutas e explorações, realizar a composição de uma paisagem sonora para ser dada de presente ao Centro Internacional Loris Malaguzzi. Durante o processo de composição, as crianças tentaram obter sons de diversos tipos de materiais diferentes, utilizando diferentes movimentações e objetos.

De forma parecida à creche Bellelli, as crianças da escola para a infância Ernesto Balducci realizaram um projeto também envolvendo a temática da paisagem sonora. Tal projeto foi exposto durante uma palestra no Grupo de Estudos para América Latina em Reggio Emilia, pelo atelierista responsável, Filippo Chieli (também envolvido em outros dos projetos supracitados). Filippo, além de atelierista, tem formação em música e alegou que algumas educadoras ainda apresentam dificuldade em trabalhar a linguagem musical por se sentirem inaptas, já que, segundo elas próprias, “são desafinadas e não sabem tocar nada”. Buscando aproximar os profissionais sem formação em música, Filippo auxiliou no projeto “Praça que toca desenhada”.

Neste projeto – que durou apenas uma semana, mas que, segundo o atelierista, teve efeitos em projetos posteriores –, as próprias educadoras conduziram nove crianças de 5 anos de idade à *Piazza Casotti*, uma praça no centro da cidade de Reggio Emilia. Lá, as crianças, munidas de gravador e fones de ouvido, buscaram gravar a paisagem sonora do local. Foram captados sons de bicicletas, pombos, buzinas de carros, água da torneira, conversas entre pessoas, mulheres andando de salto etc. As crianças também aproveitaram para explorarem e brincarem em um espaço onde a acústica favorecia o fenômeno do eco.

Na segunda etapa do projeto, o grupo de crianças, já no espaço da escola, buscou recriar a praça de maneira bidimensional. Para isso, foram realizadas escutas atentas aos sons registrados anteriormente. As crianças buscaram reconhecer os sons gravados,

---

<sup>3</sup>Paisagem sonora é um termo criado por R. Murray Schafer em 1977. Em sua obra *The Tuning of the World (The Soundscape)*, Schafer chama, de paisagem sonora, o conjunto de sons de um determinado ambiente.

deram nomes para os sons e os contextualizaram (mostraram o local onde havia sido recolhido o som). Depois, escolheram qual desenho, dentre os vários realizados pelas crianças, seria usado na representação da praça. Ao final, foi realizado um mapa da praça com os desenhos escolhidos devidamente colocados em seus locais. As crianças também incluíram o desenho do eco. Curiosamente, embora os desenhos do eco variassem de criança para criança, ao ouvirmos a gravação, percebemos como todos eles remetiam, de alguma forma, ao som gravado.

Outro trabalho envolvendo a música e a paisagem sonora foi observado na ida ao *Nido Alice*, também durante o Grupo de Estudos. A visita foi realizada após a jornada das crianças, no entanto, nos foi permitido conhecer e observar todo o espaço físico da escola, a organização dos materiais, as atividades inacabadas que as crianças realizaram durante o dia, além de documentações de projetos expostas na forma de cartazes pela escola.

Um desses cartazes, localizado na sessão das crianças de 18 a 24 meses, tinha como título *Sonorità, Suoni, ritmi, e percussioni* (Sonoridade, sons, ritmos e percussão), e apresentava uma série de atividades envolvendo a linguagem musical. A primeira delas estava justamente relacionada com a paisagem sonora do pátio externo da creche e apresentava fotos das crianças no jardim, observando e escutando o ambiente e, inclusive, os pássaros nas árvores. O cartaz também apresentava outras atividades musicais, como um adulto tocando saxofone para um grupo de crianças e mais crianças explorando instrumentos, como teclado, sanfona infantil, flauta doce, tambores, violão, chocalho etc.

A creche em questão também apresentava um espaço destinado à música na *piazza*. O ambiente tinha aspecto confortável e acolhedor e era mobiliado apenas com um tapete, diversas almofadas e pequeninos bancos. Ao centro, havia uma cesta com instrumentos bastante variados, como violão, pandeirolas, tambores, guizos, pratos, castanholas, reco-reco e outros instrumentos de percussão menos convencionais. Na área das crianças menores, estava sendo desenvolvido um projeto sobre “As Qualidades do Papel” e, segundo a educadora da sessão lá presente, a questão da sonoridade do papel também estava sendo trabalhada.

Durante o Grupo de Estudos também foram realizadas visitas às escolas para infância durante o horário de aula das crianças. A escola por mim observada foi a *Martiri di Sesso*. Ela contém três sessões, cada uma com 25 crianças, divididas por idade. A sessão A atende as crianças de 4 anos; a B, as de 5; e a C, as de 6 anos.

Durante a manhã que passamos lá, pude perceber que a maioria das atividades sugeridas e direcionadas pelas educadoras era na área de artes plásticas, como desenhos, pinturas e esculturas. Quando interrogados sobre isso, o grupo de trabalho concordou que a linguagem plástica apresentava presença mais significativa e que a música não estava sendo trabalhada tão profundamente. De forma humilde e modesta, indicaram que iam trabalhar essa questão futuramente.

No que tange à linguagem musical, encontrei um CD com músicas infantis, gravado por educadoras – com a ajuda de alguns pais – e com uma ilustração realizada por crianças de 5 anos na capa. O CD era vendido dentro da escola para as crianças levarem e escutarem em casa com suas famílias. Tratava-se de uma compilação de dezoito canções voltadas para o público infantil (Ex.: *Seis coelhos, A canção das bruxas, A canção do morcego, O Austríaco Feliz, Os Piratas, A Baleia Pasqualina, Os Sete Anões*, entre outras). As faixas eram cantadas por mulheres e crianças, todas acompanhadas por instrumentos, ora violão, ora teclados com variados timbres, ora instrumentos de sopro. Todos pareciam haver sido gravados em estúdio.

A situação envolvendo a linguagem musical que mais me surpreendeu em Reggio Emilia aconteceu justamente nessa escola. Na sessão A, enquanto algumas crianças corriam no pátio e outras trabalhavam em suas criações plásticas dentro da sala, um grupo de três meninas, se agrupou ao redor de um som portátil, até então, desligado. Uma das educadoras passou por elas e ligou o aparelho. A primeira música a ser tocada causou uma comoção generalizada: mais crianças se aproximaram, várias gritando, e logo começaram a entoar a canção e dançá-la. A música em questão era a canção “Ai, se eu te pego”, grande sucesso internacional, interpretada pelo brasileiro Michel Teló.

Continuei observando a cena até a música terminar. Algumas crianças foram brincar de outras coisas quando terminou o refrão, mas várias continuaram ali até o final, dançando – algumas de forma coreografada, outras livremente – e cantando – mesmo não dominando o português, as crianças sabiam várias partes da música, principalmente do refrão. A professora passou novamente pelas crianças ao redor do som e também cantarolou a música, se equivocando em algumas palavras do português, e dançou brevemente de forma livre e espontânea.

A música seguinte fez bem menos “sucesso” entre as crianças. A gravação era cantada em italiano por crianças e parecia ser voltada para o público infantil. Também foi tocado “*The Lion Sleeps Tonight*”, gravado pelo grupo vocal americano *The Tokens*. Após algumas músicas, as crianças pareciam menos interessadas no aparelho de som e

desviavam suas atenções para outras brincadeiras. No entanto, ao passar novamente pelo grupo, a professora apertou alguns botões do aparelho e *Ai se eu te pego* voltou a tocar. As crianças comemoraram. A cena se repetiu: várias crianças se aproximaram, quase todas dançando e cantando, animadamente. Terminada a música, a grande maioria voltou a brincar, enquanto uma ou outra menina, de tempos em tempos, conferia a música do som e dançava um pouco.

Ao final da visita, conversei com o atelierista, com a cozinheira e com duas professoras da escola. A professora que colocara o CD para tocar não estava presente, no entanto, as outras educadoras declararam que o trabalho com música na escola talvez não fosse – ainda – muito presente ou profundo. Declararam que o trabalho com a linguagem musical estava centrado no ato de escutar e cantar músicas; às vezes, também gostavam de reparar nos sons do ambiente e de materiais.

A partir de todas os relatos, observações, projetos, e atividades descritos anteriormente, pude perceber que não existe uma metodologia única de trabalho com a linguagem musical. No entanto, acredito que existam algumas tendências nessa área que seguem a filosofia geral da abordagem, como, por exemplo, a valorização da escuta, da experimentação, da pesquisa e da formulação de hipóteses. Também percebi que os projetos desenvolvidos dentro da linguagem da música, assim como nas outras linguagens, nasceram do interesse das crianças, de coisas que provocaram sua curiosidade (grama, cordas etc.), de suas vivências (ida ao Centro Internacional, ida ao parque, ida ao concerto de música clássica, ida à praça etc.) e das coisas que as cercam (sons de materiais, de objetos, de fenômenos naturais etc.).

A questão da organização de um espaço que apoie à expressividade das crianças, que as instigue, também está fortemente presente no desenvolvimento da linguagem musical nas situações supracitadas, assim como o estímulo a uma escuta atenta e consciente da paisagem sonora que nos cerca, repensando e refletindo sobre as mudanças que causamos nela.

Ainda sobre a questão da organização do espaço, foram encontradas algumas orientações que abordam diretamente a questão da música. Ceppi e Zini (2008) apontam em sua obra a necessidade de um espaço com caráter multissensorial, rico em experiências sensoriais, possibilitando investigações e descobertas que utilizem todo o corpo. Os autores também destacam que mais do que um ambiente rico em estímulos, é necessário que os estímulos sejam variados, já que cada indivíduo tem suas preferências, seus gostos e sua própria forma de perceber um estímulo.

No que tange à questão física do espaço para as crianças pequenas, os educadores de Reggio Emilia apontam algumas *ferramentas* que não devem ficar de fora do projeto arquitetônico. Juntamente com a luz, os materiais, o aroma e o microclima, Ceppi e Zini (2008) destacam a importância de se atentar para o som e para a acústica de um espaço. Os autores também citam a questão da paisagem sonora e da *poluição sonora* que, devido ao excesso de ruídos a que somos submetidos atualmente através do advento das máquinas, acabamos perdendo a capacidade de executar uma escuta consciente, ou seja, temos cada vez mais dificuldade em perceber sons a nossa volta e em identificar suas origens.

O projeto acústico para um espaço escolar deve, portanto, buscar dois objetivos principais: reduzir o nível acústico de forma geral, limitar o ruído de fundo, e eliminar barulhos perturbadores (sistemas técnicos, vibrações, [...] trânsito, etc.) e, ao mesmo tempo, desenvolver as possibilidades sonoras e projetar as possibilidades acústicas (CEPPI e ZINI, 2008, p. 94, tradução nossa).

### **Categorias do trabalho musical**

A partir das situações que foram descritas, foi possível classificar as experiências com linguagem musical em Reggio Emilia em seis categorias, de acordo com a natureza das atividades realizadas: 1) contato formal com a música; 2) exploração e experimentação sonora; 3) paisagem sonora; 4) composição; 5) criação de instrumentos musicais; 6) representação gráfica de sons.

O primeiro grupo, o do contato formal com a música, prevê situações como a de assistir a alguém tocar, escutar um CD. Vi isso com o violão e com o violino nos vídeos da escola Panda e do Centro Internacional Loris Malaguzzi; no quarteto de cordas no projeto *La musica è un suono ben fatto* (2008); no saxofone na creche Alice; e com o aparelho de som, no vídeo de inclusão e na escola M. di Sesso.

O segundo grupo, dialogando fortemente com o primeiro, seria o da exploração e experimentação sonora, tanto de instrumentos musicais convencionais, como voz, violino, violão, bateria, tambor, flauta, teclado, bateria, sanfona e outros tantos instrumentos de percussão presentes nos espaços das escolas, quanto de materiais e objetos sonoros, como papel, plástico, metal, escada, sapatos, troncos de árvores, pedras, folhas secas e o próprio corpo.

Classificar-se-iam para o terceiro grupo, as atividades voltadas para a questão da paisagem sonora, como as que aconteceram nas escolas Alice, Bellelli e Balduci, onde

foram analisados atentamente os sons do pátio, do Centro Internacional e de uma praça da cidade.

Em um quarto grupo, seriam enquadradas as composições sonoras, como as descritas e documentadas em *La musica è un suono ben fatto* (2008), e também verificadas em *Dialoghi con in luoghi* (2008) e *Lo stupore del conoscere* (2011).

Também merecem destaque as atividades do quinto grupo, envolvendo a criação de instrumentos musicais, como o instrumento que nasceu da ida ao parque, a partir de gravetos fincados na terra, e as criações dos “sistemas de som”, das sequências de sons da escada e da composição sonora dada de presente ao Centro Internacional Loris Malaguzzi.

Por último, em um sexto grupo, destacaria as experiências envolvendo a representação gráfica dos sons, vistas no projeto da escada e da praça. Por mais que esse grupo dialogue muito com as artes plásticas, a representação gráfica é algo extremamente utilizado na música por ser uma forma de registro e, no que tange às crianças pequenas, essas representações também dizem muito de como a criança percebe e compreende aquela música ou aquele som, o que permite que os educadores compreendam melhor a percepção infantil.

## **Considerações**

Sendo assim, concluo que o espaço da música em Reggio Emilia é um espaço de escuta sensível e atenta, de análise, de pesquisa e exploração sonora, de criação e construção. Ao professor, cabe justamente a tarefa de ofertar o máximo de vivências possíveis e de origens variadas, de apresentar-lhes diferentes possibilidades sonoras, expressivas e criativas. A busca não é por formar músicos virtuosos, mas ouvintes críticos e sensíveis, pessoas capazes de se expressar musicalmente e que cultivem uma relação íntima e ativa com a música.

Apesar da maior parte dos projetos e das situações envolvendo a linguagem musical em Reggio Emilia citados acima ser bastante positiva e significativa para as crianças, alguns aspectos, por mim considerados insatisfatórios, também chamaram minha atenção e, inclusive, me fizeram lembrar dos obstáculos que enfrentamos também no Brasil.

O primeiro foi a questão da formação musical dos educadores e, conseqüentemente, da presença da música em suas práticas diárias. Como foi comentado anteriormente, um atelierista de Reggio Emilia, Filippo Chieli, relatou que muitas educadoras se sentiam inseguras para trabalhar a linguagem musical por falta de domínio em algum instrumento e por não saberem cantar. Há anos, Nogueira já apontava a mesma problemática no contexto educacional brasileiro:

Nesse sentido, salta aos olhos, a dificuldade que acompanha grande parte dos educadores de crianças pequenas, no sentido de explorar a música nas suas múltiplas possibilidades. Muitos apontam para limitações de ordem pessoal (“não sei tocar nenhum instrumento”, “sou desafinada”) para justificar a ausência da linguagem musical no cotidiano de seus alunos (NOGUEIRA, 2005, p. 3).

Esse fato pode justificar a presença inferior, numericamente falando, de trabalhos no campo da música se comparada aos trabalhos na área das artes plásticas, por exemplo. Acredito que, devido ao fato das escolas da cidade italiana poderem contar com um atelierista, ou seja, alguém especialista em artes plásticas, em seu corpo docente, as educadoras se sentem mais amparadas para realizarem trabalhos envolvendo pintura, desenho, escultura em argila, entre outros. No entanto, como o mesmo não ocorre com a música, muitas educadoras e escolas ainda têm dificuldade de incluírem com alguma frequência a linguagem musical em suas práticas.

No caso de Filippo Chieli, por exemplo, que é um atelierista de Reggio Emilia com formação em música – o educador se especializou em violão e ainda atua como músico –, percebemos como a sua formação auxiliou os demais educadores a realizarem vários projetos musicais em escolas de Reggio, como os supracitados: “Praça que toca desenhada”, “A voz da escada” e “Sistemas de som”, ambos realizados com sua ajuda. Ou seja, quando há uma pessoa com uma formação musical mais significativa, e isto se configura em uma parceria com os demais educadores, os projetos envolvendo esta linguagem acontecem com mais frequência e com mais profundidade.

A outra situação ocorrida em Reggio Emilia que me remeteu a problemáticas brasileiras foi o uso da canção, altamente veiculada pelos grandes meios de comunicação, “Ai se eu te pego”. A discussão sobre a utilização de músicas da mídia – e, nesse caso, voltada para o público adulto – na escola é muito complexa e não poderia ser abordada com profundidade nos limites desse artigo. No entanto, não me é possível evitar uma breve pequena análise sobre o assunto.

Compreendo que o ocorrido em Reggio Emilia foi um fato isolado, em uma determinada turma, em uma determinada escola e em um determinado dia. No entanto, considerando que foi bastante difícil encontrar materiais sobre os trabalhos com a linguagem musical na região, não tive como descartar o ocorrido. Há educadores que defendem o uso do repertório midiático nas escolas, alegando que esse instrumento pode aproximar os alunos e aproveitar seus conhecimentos prévios; e, se tratando de uma escola italiana, também devemos cogitar a hipótese de que a professora talvez não compreendesse o que aquela música representa ou o que diz sua letra, levando em consideração apenas o fato de ser uma música “boa de dançar” ou “que as crianças gostam”.

No entanto, assim como Nogueira (2005), acredito que a utilização de músicas que já são altamente veiculadas pela mídia, além de não contribuir para a ampliação do repertório das crianças, dificulta a introdução de novos materiais, muitas vezes elaborados por artistas comprometidos e com formação musical, mas que não tiveram suas obras veiculadas massivamente nas rádios, em trilhas de novelas e em outros meios de comunicação. A mídia atua fortemente na formação do gosto musical das crianças – Adorno (1983) indica que, se tratando de músicas veiculadas pela mídia, as pessoas confundem o *gostar* com o *reconhecer auditivamente* –, tornando cada vez mais difícil a introdução de materiais novos e diferentes. Por isso, acredito que cabe também ao professor ser um instrumento de resistência a essa indústria, incutindo nas crianças um olhar mais crítico sobre as obras veiculadas e, principalmente, ampliando seus horizontes musicais ao apresentar materiais “desconhecidos”, mas que sejam ricos musicalmente e que favoreçam o lado expressivo e criativo das crianças.

Dessa forma, percebo que, seja na Itália ou no Brasil, muitos educadores ainda cedem aos encantos da indústria cultural, deixando de buscar repertórios musicais ricos e variados para se voltarem a músicas com qualidade discutível e, muitas vezes, com conteúdo impróprio para crianças.

No entanto, a existência de equívocos não suplanta o fato de que há muito para nos guiar e inspirar: temos muito a dialogar com a abordagem de Reggio Emilia. Seus princípios de escuta, diálogo, múltiplas linguagens, pesquisa, documentação e espaço – entre outros – são extremamente ricos e podem trazer grandes contribuições à realidade das instituições públicas brasileiras de Educação Infantil.

No que tange à música, percebeu-se a importância de expandir o universo sonoro-musical dos alunos, ampliando seu repertório e seu conhecimento acerca de

instrumentos e sons, isto é, da prática musical, objetivando maior capacidade de expressão através dessa linguagem. Também foi verificada a relevância das experiências que envolvem a exploração e a pesquisa sonora de instrumentos e objetos sonoros, bem como a criação dos mesmos. Por fim, reconheceu-se o valor da prática da reprodução gráfica dos sons, como forma de traduzir nossas percepções acerca dos mesmos, e da atenção que se deve ter com a paisagem sonora, despertando nos alunos a percepção do universo de sons que os rodeia e os sensibilizando para a importância de contribuímos positivamente para que essa paisagem não seja poluída e agrida nossa saúde e bem estar.

Concluindo, espero, com esse trabalho, contribuir para aqueles que lutam por uma educação de boa qualidade, rica em experiências e com foco no desenvolvimento amplo das inúmeras possibilidades das crianças. Acredito que a experiência de Reggio Emilia é um exemplo de como uma realidade adversa pode ser modificada e isto pode nos servir de estímulo para construirmos uma escola mais próxima daquela que acreditamos e almejamos.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. *O fetichismo na música e a regressão da audição*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- CEPPI, Giulio; ZINI, Michele. *Children, spaces, relations: metaproject for an environment for young children*. 6 ed. Reggio Emilia: Reggio Children, 2008.
- EDWARDS; GANDINI; FORMAN. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: ARTMED, 1999.
- NIDO COMUNALE DELL'INFANZIA LUIGI BELLELLI. *I Giardini Sono...* Reggio Emilia: Reggio Children, 2013.
- NIDO COMUNALE DELL'INFANZIA LUIGI BELLELLI; NIDO COMUNALE DELL'INFANZIA PABLO NERUDA. *La musica è un suono ben fatto – Dall'ascolto Allá composizione*. Reggio Emilia: Teatro Municipale Valli, 2008.
- NOGUEIRA, Monique Andries. *Música e educação infantil: possibilidades de trabalho na perspectiva de uma pedagogia da infância*. Anais do XIV Encontro Anual da ABEM. Belo Horizonte: ABEM, 2005.

REGGIO CHILDREN. *Regimento* – Escolas e creches para a infância da comuna de Reggio Emilia. Reggio Emilia: Reggio Children, 2012.

\_\_\_\_\_. *Lo stupore del conoscere* – I cento linguaggi dei bambini. Reggio Emilia: Reggio Children, 2011.

\_\_\_\_\_. *Utopie quotidiane DVD* – Una giornata al nido, una giornata alla scuola dell'infanzia. Reggio Emilia: Reggio Children, 2011.

\_\_\_\_\_. *Dialoghi con i luoghi*. Reggio Emilia: Reggio Children, 2008.

SCUOLA COMUNALE DELL'INFANZIA MARTIRI DI SESSO. *18 Canzoni per Bambini per cantarle insieme anche a casa...* Reggio Emilia: Scuola Comunale dell'infanzia Martiri di Sesso, [20??].

UNIVESP TV. *As escolas de Educação Infantil de Reggio Emilia, Itália*. São Paulo: UNIVESP, 2011. Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=4j8mtA\\_iDss](http://www.youtube.com/watch?v=4j8mtA_iDss)